

apontamentos sobre o nheengatu falado no rio negro, brasil*

Gerald TAYLOR

C.N.R.S.

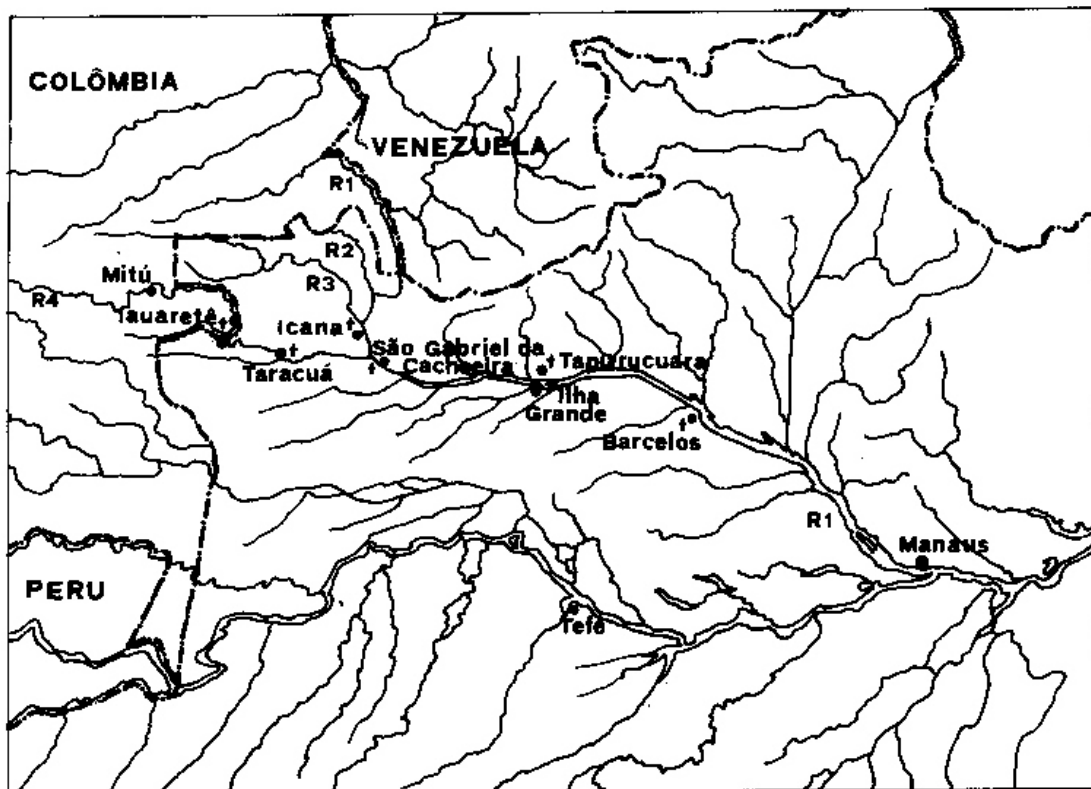
Existe uma abundante literatura dedicada à língua geral que, durante a época colonial, servia de veículo de comunicação principal numa vasta região da Amazônia brasileira¹. Se os textos sobre as variantes contemporâneas da língua geral conhecidas sob o nome de nheengatu, incluem um certo número de gramáticas normativas, nas quais a rigidez das categorias impostas não tem nada a invejar aos trabalhos clássicos dos primeiros missionários², são raros ou quiçá inexistentes os estudos concebidos em termos da lingüística moderna. O nheengatu ainda é falado como língua materna por núcleos familiares comumente chamados "caboclos" no médio Rio Negro entre Barcelos e Tapuruquara. Segundo informações obtidas em São Gabriel da Cachoeira, também é falado pela maioria das comunidades ribeirinhas acima de Tupuruquara até a fronteira venezuelana. No Rio Xié parece já ter-se substituído au uerequena e no baixo Içana, até um pouco mais acima da missão salesiana, já eliminou o baniua. Nos municípios de Santa Isabel de Tapuruquara e de São

* Uma versão mais elaborada deste artigo, com outros critérios no tocante ao sistema gráfico, foi publicada no *Caderno de Leitura Nheengatu 1: Vamos escrever nossa língua. Recomendações para os professores*. Inspetoria Salesiana Misionaria da Amazônia, Manaus, 1995.

¹ Para conhecer o papel histórico do nheengatu na região amazônica, consultar BESSA: 1983.

² Uma avaliação crítica destas obras é contida em EDELWEISS: 1969 (Capítulo 10: "O dialeto nheengatu", pp. 188-196).

Gabriel da Cachoeira, aos poucos, o português está conseguindo substituir-se ao nheengatu, graças principalmente aos esforços da missão salesiana. No caso de São Gabriel, o processo rápido de aculturação da juventude começou nos anos 70 com a construção da estrada e se consolidou com a introdução da sociedade de consumo. É relativamente fácil obter produtos da Zona Franca de Manaus e os aparelhos de televisão em cores são comuns. As novelas ambientadas nas grandes metrópoles do sul e que tratam temas típicos das altas camadas da sociedade branca nacional - sobretudo o problema da ascensão social - correspondem a uma ideologia que tem pouco a ver com a vida tradicional da sociedade rionegrã, educada segundo os critérios austeros da missão. Hoje, a maioria dos jovens fala o português, "escuta" (**usendú**) o nheengatu mas não o fala³.



VALE DO RIO NEGRO

- R1** Rio Negro **R3** Rio Içana
R2 Rio Xié **R4** Rio Uaupés
† Missões Salesianas

³ Tratamos este tema em outro artigo "Língua geral: mito e realidade" a ser publicada na revista do Museu do Índio, Rio de Janeiro.

É difícil saber exatamente quando a língua geral cessou de ser utilizada como língua de comunicação no Solimões e no baixo Amazonas. Há ainda pessoas de idade que a falam e compreendem, mas parece que não há mais ninguém que a fale como língua materna. A principal diferença entre o nheengatu que se falava nesta região e a variante que se expandiu na área do Rio Negro é de natureza fonológica. Da primeira variedade só ouvi gravações feitas pelo Professor Ademir Ramos em território maué com informantes de língua materna sateré-maué. Como observou muito apropriadamente o Professor Ramos, é possível que o sistema fonológico do tupi tenha sido conservado melhor num ambiente onde a língua étnica também é de origem tupi. De toda maneira, a vogal central alta /i/ se mantém como fonema distinto, não confundindo-se com /i/, como aconteceu no Rio Negro onde não havia nenhum grupo tupi. Nos textos gravados pelos sateré-maués, ouve-se claramente a oclusão glotal em contextos onde ocorre também em maué. Contudo, não podemos garantir a relevância fonológica da oclusão glotal, já que no nheengatu do Rio Negro, também ocorre não só em contextos onde existe uma justificação etimológica para a sua presença, mas também em qualquer discurso enfático. Na fala rápida desaparece por completo e as seqüências vocálicas se contraem. Na região maué, as oclusivas prenasalizadas */mb/ e */nd/ se reduzem geralmente às suas componentes nasais /m/ e /n/, respectivamente, enquanto no Rio Negro se conservam em posição intervocálica:

ex. **nami** (Maués), **nambi** (Rio Negro) "orelha"; **usenu** (Maués) **usenduú** (R.N.) "(ele) ouve". Estas distinções correspondem às normas dos textos publicados por Couto de Magalhães e Tastevin: ambos os autores indicam a presença de /i/ associada à redução dos grupos */mb/ > /m/ e */nd/ > /n/. Sabemos que os textos de Tastevin são de Tefé. Couto de Magalhães não indica as suas fontes, mas é evidente, pela variedade das formas atestadas, que recolheu material tanto no complexo Solimões Baixo-Amazonas quanto no Rio Negro.

Das duas variedades que tive oportunidade de estudar no Rio Negro, a dos caboclos de Ribeira, Ilha Grande, Tapuruquara, e a do Içana (com substrato baniua) falada em São Gabriel e nos arredores, as poucas diferenças são principalmente morfológicas. Na realidade, as duas formas devem ter estado em contato quase permanente, já que se pode comprovar, segundo os diversos testemunhos, a existência de uma migração regular em ambos sentidos entre o Içana e Tupuruquara, ligada principalmente ao sistema econômico extrativista da região. Relações familiares são atestadas entre os caboclos de Tupuruquara e os "beirantes" do Rio Negro acima de São Gabriel e da boca do Içana. No caso

dos caboclos, é difícil saber o que fica dos sistemas clânicos que ainda subsistem no Içana, já que, vivendo num meio mais "civilizado", devem adaptar-se às normas da sociedade branca e da missão. O morador de Tupuruquara faz uma distinção entre o nheengatu que ele fala e aquele do Içana: o exemplo que cita é sempre o da pronúncia da marca casual de direção /-kití/ que, no Içana, seria [kití] sem a palatalização abasileirada característica da pronúncia local, [kit^yí]. Na realidade, esta segunda pronúncia é característica de ambas as variedades e o mesmo critério é utilizado pelos içaneiros para distinguir a própria fala da dos uerequenas do Xié, onde a ausência de palatalização seria a consequência do contato com os espanhóis (ou seja, os colombianos e os venezuelanos). Em Ribeira, considera-se que a variedade de nheengatu falada na ilha é a mesma que se fala em geral nos arredores de Tupuruquara, mas que pode haver algumas pequenas diferenças segundo o núcleo familiar. Um exemplo preciso foi citado: **ii** significa "água", cf. **asu au ii** "vou beber água". Em alguns contextos, esta forma se reduz a **í**:⁴ **ti-ã maã í** "não tem água". Parece que, em outros lugares, esta redução não se produz e pode-se ouvir: **ti-ã maã ii**. É verdade que critérios subjetivos são sempre suspeitos, mas na ausência de outros, é preciso tomá-los em consideração, já que são indícios culturais importantes.

Dada a importância da contribuição do português à formação do léxico do nheengatu e também a existência de um substrato de outras línguas indígenas, seria necessário incluir num inventário completo dos fonemas das variantes atualmente faladas no Rio Negro, todos os que são usados correntemente no português local. Mas a transformação fonética de palavras assimiladas em épocas anteriores como /surára/ "soldado" ou /sáuru/ "sábado" mostra que um sistema preciso, próprio da língua, é subjacente nas formas heterogêneas que constituem o léxico atual. Por isso, parece-me interessante tentar identificar o sistema fonológico de base do nheengatu rionegrense. As variedades tomadas em consideração são as faladas na Ilha Grande de Tapuruquara, nos arredores de São Gabriel da Cachoeira e na boca do Içana. O conjunto de seis vogais orais do tupi encontra-se reduzido a só quatro. */i/ se confunde com */i/ > /i/. Assim, temos /mikúra/ < */mbikur/ "gambá", que corresponde à pronúncia "mucura"⁵ do português local. */o/ não parece ter-se

⁴ Indicamos a vogal de um lexema monossilábico derivado da contração de duas vogais idênticas ou quase idênticas por um acento agudo.

⁵ Não encontrei este vocábulo no léxico clássico de RESTIVO (ed. 1893), baseado em Montoya, nem no *Vocabulário na língua brasileira* (ed. 1952). As formas atuais, no nheengatu: **mikúra**, no português brasileiro: "mucura", e no guarani mbyá e ñandeva do litoral de São Paulo: **mbyku** [m^bbikú], justificam a minha reconstrução.

conservado como fonema autônomo, confundindo-se com */u/ > /u/. A pronúncia deste fonema é um pouco mais aberta nas variantes faladas acima de São Gabriel. Em algumas palavras de uso freqüente, o tem sido reconstituído à partir de */-aw/. Assim, /akwaw/ "sei", forma atestada em Couto de Magalhães e outros autores, virou **akwo** ou **ako**. A última variante é traduzida, em Ribeira, pela expressão portuguesa "acho", sendo uma sorte de comentário modal sobre o conteúdo de um enunciado. Para traduzir "sei" usa-se **akwa**.

Fonemas vocálicos orais

	Anterior	Posterior
Alto	/i/	/u/
Médio	/e/	
Baixo		/a/

Existe também uma série de vogais nasais equivalentes à série das orais. Correspondem às vezes a formas apocopadas resultantes da supressão de uma sílaba final cuja consoante inicial era nasal: **irũ** < **irúmu** "com ele", **arã** < **aráma** "para". Com raras exceções (**kãwéra** "osso"), as vogais nasais são acentuadas. A vogal acentuada que segue uma consoante nasal é sempre nasalizada: **paranã** "rio"⁶. Ao repetir-se a vogal que segue a consoante nasal na sílaba seguinte, se a segunda vogal for acentuada, esta se nasaliza: **amaã** "vejo". Quando outra consoante nasal segue a vogal acentuada, a nasalidade deste se assimila à da consoante seguinte: **ména** "marido".

Fonemas vocálicos nasais

	Anterior	Posterior
Alto	/ĩ/	/ũ/
Médio	/ẽ/	
Baixo		/ã/

Os exemplos seguintes mostram o contraste entre vogais orais e nasais.

/a/ : saá "se"	/ã/ : asaã "experimentos"
/e/ : seé "gostoso"	/ẽ/ : seẽ "doce"
/i/ : ti "não"	/ĩ/ : tĩĩ "nariz".
/u/ : asu "vou"	/ũ/ : anhũ "só"

⁶ Uma vogal nasal pode nasalizar a consoante inicial do sufixo locativo **-pe**: **paranáme** (/paraná-pe/) "no rio", atestado em Tapuruquara e no Içana.

O sistema consonântico do nheengatu do médio e do alto Rio Negro tem sido modificado pela contribuição de sons típicos (a) do português, (b) de substratos de outras línguas indígenas e (c) de palavras da língua geral transformadas segundo as normas do português local e reincorporadas na língua. Como exemplo de primeira categoria, poderíamos citar a palavra **-pudéri** "poder"; de segunda, **quičá**, **di** [dʲi] "machado"⁷ e de terceira, **igára** "canoa" onde **ig-** corresponde à grafia antiga de /i/, vogal central alta. A pronúncia /iara/ subsiste ainda em maué. Outro exemplo é **urubu** (/uruwú/ em maué) que aparece no texto incluído neste artigo. Nos casos citados, o fonema alheio ao sistema é sempre uma oclusiva sonora. No esquema que proponho para o nheengatu rionegrense, só encontramos oclusivas sonoras prenasalizadas e em posição intervocálica. Em posição inicial absoluta reduzem-se às respectivas componentes nasais e só o conhecimento da etimologia ou da dialetologia comparativa permite restituir */mbeyú/ à partir de **meyu** "beiju". Não incluímos entre as consonantes a oclusão glotal: /ʔ/, cuja presença, embora notada na fala enfática, não parece indicar contraste semântico. No quadro que segue, indicamos ao lado de cada fonema, a grafia escolhida para representá-lo nos textos.

Fonemas consonânticos

	Labiais	Alveolares	Palatais	Velares	
Oclusivas	/p/ p	/t/ ⁸ t		/k/ k	/k ^w / kw
Oc. prenasalizadas	/mb/ mb	/nd/ ⁸ nd		/ng/ ng	/ng ^w / ngw
Nasais	/m/ m	/n/ n	/ɲ/ nh		
Sibilantes		/s/ s	/ʃ/ x		
Vibrante		/r/ r			
Vocálicas	/w/ w		/y/ y		

A estrutura canônica da sílaba é: (C)V⁹. Em princípio, a combinação de duas vogais constitui duas sílabas. Contudo, é possível também ouvir ditongos como variantes, ex. /ukái/ [u-ká-i] ~ [u-káy] "queima-se". As vogais compridas ou repetidas que aparecem nos léxicos: e textos transcritos por Couto de Magalhães e Monsenhor Frederico Costa se eliminam na fala rápida e, em muitos casos, nega-se até a sua existência na língua contemporânea, ex. **-yúka** 'colher, arrancar' (cf. *iuuca* "tirar" no léxico de F. Costa).

⁷ Na realidade, é muito difícil identificar tais formas. O termo *dabucuri* muito conhecido na literatura etnográfica, parecia-nos sempre um elemento do substrato até encontrarmos a etimologia: "Tauúcuri, taua-ó-curri" numa citação de Stradelli, publicada no *Dicionário do Folclore brasileiro*, por Câmara Cascudo.

⁸ Como no português local, /t/ e /nd/ se palatalizam diante /i/: /ti/ [tʲi] "não", /andirá/ [andʲirá] "morcego".

⁹ As vezes, encontramos [r] em final de sílaba, como em **kérpi** "sonho", mas ouve-se também **kérupi** que, no Içana, parece a forma mais comum.

As normas gráficas que temos adotado aqui, tentam combinar a tradição de uma língua "indígena" nacional cuja transcrição começou na época da conquista com as necessidades práticas associadas à apresentação de textos gravados numa língua de uso popular e destinados a ser lidos pelas mesmas comunidades que os transmitiram. Assim, utiliza-se **nh** para transcrever /ñ/, mas em vez de manter as grafias multiplas que representam tradicionalmente /s/ (*s*, *ss*, *c*, *ç*) et /k/ (*c*, *qu*), utilizamos aqui **s**, que nunca se sonoriza, e **k** respectivamente. Seguindo os mesmos critérios, **w** e **y** são empregados para transcrever /w/ e /y/ respectivamente, já que o uso tradicional de *u* ou *hu* e *i* ou *hi* cria problemas para a compreensão imediata da forma escrita de uma língua onde as seqüências vocálicas são freqüentes¹⁰. **x** transcreve /š/ et **ch** é usado só nas palavras de origem portuguesa. Nos apontamentos gramaticais de Couto de Magalhães, Mons. F. Costa, Stradelli, etc. encontramos o prefixo **xa-** [ša] que representa a primeira pessoa-sujeito. Esta forma parece não ser mais conhecida nas comunidades do Rio Negro onde os falantes atuais da língua a assimilam ao amálgama do pronome **ixe** "eu" e do prefixo verbal **a-** 'Is'¹¹ no discurso rápido. Todavia, temos notado **ha-** [xa ~ ha] como variante de **a-** nas gravações de falantes de nheengatu de Maués e na região do Içana. Esta variante nunca aparece nos textos gravados na Ilha Grande de Tapuruquara. Escrevemos os outros fonemas do nheengatu com os símbolos que representam os seus valores fonológicos respectivos no quadro apresentado acima. Os derivados do português, quando não são assimilados completamente ao sistema fonético do nheengatu, são transcritos conforme as normas da língua original. Neste caso, usamos caracteres itálicos para distingüí-los dos termos puramente nheengatu¹².

Um dos problemas principais que devem ser resolvidos na formulação de um sistema coerente para transcrever o nheengatu é aquele do acento tônico. No nheengatu, o acréscimo constante de uma vogal às terminações consonânticas da língua geral descrita pelos jesuítas modificou o sistema acentual que caracteriza a maior parte das línguas da família tupi-guarani das quais possuímos testemunhos. Como consequência, as palavras cujo acento tônico cai na penúltima sílaba, não representam casos excepcionais. Por isso, quando começamos a transcrever os relatos gravados em Ribeira, seguimos o uso adotado pela maioria dos autores que publicaram textos nesta língua e, aplicando

¹⁰ Por exemplo *uiapi* "tiro" no léxico de Dom F. Costa: [wiapi] ou [uyapi] ? Formas gráficas como *uhi-hi* "hoje" ou *iu-iumimi* "esconder-se" mostram os problemas gráficos (hifen; emprego de *h* como fronteira entre duas vogais) causados pelo não reconhecimento do carácter consonântico de [w] e de [y].

¹¹ Consultar lista de abreviações gramaticais no fim do artigo.

¹² A utilidade de manter a grafia portuguesa dos vocábulos não assimilados nos parece evidente se tomamos em consideração que a alfabetização nas áreas de fala nheengatu se faz exclusivamente na língua nacional. Nosso emprego aqui de caracteres tipográficos especiais para distingüí-los, baseia-se no desejo de mostrar como funciona na língua da literatura oral o sistema fonológico do nheengatu no léxico que lhe é próprio.

as regras gráficas do português, consideramos como norma acentual "não marcada" a acentuação da penúltima sílaba. Contudo, depois de termos comparado duas versões do texto que publicamos aqui, uma com a penúltima sílaba não marcada e outra com a última não marcada, descobrimos que é segunda versão representava uma economia gráfica considerável, sobretudo porque um número importante de morfemas funcionais e verbos de emprego frequente são acentuados na última sílaba. Indicamos aqui o acento tônico, quando não cai na última sílaba, pelo símbolo gráfico chamado 'acento agudo' (´). Assim, **ayuka** "(eu) mato" e **ayúka** "arranco" pronunciam-se respectivamente [ayuká] e [ayúka]. A vogal que leva o til (˜) é sempre acentuada. Por isso, não indicamos o acento quando a sílaba acentuada é caracterizada por uma vogal nasal, ex. **mukūi** [mukūi] "dois". Nas palavras compostas de diversos lexemas ou de bases lexicais às quais se acrescentam sufixos com acentuação tônica autônoma, indica-se a separação dos segmentos da composição por hífen, ex. **ayuka** [ayuká] "(eu) mato" + **-ána** "já" > **ayuka-ána** "já matei". Segundo a hierarquia acentual da palavra composta, o acento que predomina é aquele da última sílaba acentuada. Indicamos os acentos secundários das palavras compostas pelo símbolo gráfico chamado 'acento grave' (˘). Assim, a associação de **ayúka** "arranco" e **-ána** "já" escreve-se **ayùka-ána** "já arranquei". Na fala rápida, as duas formas se pronunciam **ayukã** [ayukã] "já matei" ou "já arranquei". Um sufixo atônico se acrescenta diretamente ao lexema sem o uso de hífen, ex, **ii** "agua", **iipe** "na água" (cf. **ii-sui** "desde a água")¹³. Na variante da Ilha Grande, certas formas que ainda se mantêm independentes no Içana, parecem ter-se desenvolvido em gramemas atônicos: **surára ayuka** (//surára u-yuká// 'soldado 3s-matar') "o soldado mata" (Içana e Ilha Grande); **suràraitá** (> **surareta**) **uyuka** (//suràra-itá u-yuká// 'soldado-pln 3s-matar') (Içana), **surárata tayuka** (//surára-ta ta-yuká// 'soldado-pln 3sp matar') (Ilha Grande) "os soldados matam", Parece provável que ambas variantes do nheengatu conheçam as duas formas para exprimir o plural, mas no Içana só reconhece-se a primeira como correta enquanto, na Ilha Grande, sem exceção, o informante indicava o acordo numérico durante a transcrição dos textos. O mesmo acontecia com a marca casual locativa, a forma independente **upe** no Içana e o sufixo atônico **-pe** na Ilha Grande: **ùka-upe** (Içana), **úkape**

¹³ Certos adeptos da alfabetização acham que não é útil introduzir uma precisão excessiva na transcrição das línguas indígenas, já que o falante nativo sabe quanto é necessário acentuar ou não uma sílaba. É um ponto de vista muito discutível tratando-se de línguas onde o acento tônico é fonológico. De toda maneira, se o aluno escreve sem utilizar os acentos e consegue transmitir a sua mensagem aos outros e anotar para si mesmo o que julgue conveniente, então o sistema gráfico funciona -mas só parcialmente. A escrita serve também para transcrever a tradição oral e conservá-la para as gerações futuras. Nos livros editados para leitura nas escolas, não seria demais tentar facilitar a compreensão da mensagem escrita reduzindo as possíveis fontes de ambiguidade a um mínimo. O sistema ortográfico que apresentamos aqui é experimental. Talvez o ideal para transcrições futuras seria indicar o acento só quando a possibilidade de confusão for comprovada.

(Ilha Grande) "na casa". Todavia, escutei várias vezes a variante atônica no Içana e a forma **-upé** existe provavelmente também na Ilha.

As formas apocopadas são freqüentes. Nos casos seguintes, a última sílaba que começa por uma consoante nasal, pode-se reduzir à nasalização da vogal precedente: **irúmu** > **irũ** "com ele"; **-aráma** > **arã** "para", **-ána** > **-ã** "já". A terminação **-ri**, que se acrescenta com freqüência às formas verbais e sobretudo às derivações do português, se reduz a **-i**, ex. **apudéri** > **apudéi** "posso" ou se elimina completamente, ex. **kuíri** > **kui** "agora", **muíri** > **mui** "de novo". O sufixo **-wa** (< */b/ final do tupi) do Içana aparece nos textos publicados por Couto de Magalhães e outros autores de estudos clássicos sobre a língua geral, como **-w**: **akwáwa** "sei" (Içana), **akwaw** ('acuau'), nheengatu atestado na literatura. Não é raro que este sufixo se perca no Içana e nunca aparece no nheengatu da Ilha Grande (Tapuruquara). Nesta última variante, até o sufixo nominalizador **-sáwa** se reduz sempre a **-sa**, ex. **mukũi-sáwa** (Içana), **mukũi-sa** (Ilha Grande) "segundo".

Ilustraremos o sistema gráfico que adotamos com un texto: "A festa no céu" que nos foi narrado por Joaquim da Gama Melgueiro. Trataremos a morfologia e a sintaxe em outro estudo. Por isso, na tradução justalinear contentaremos-nos em fornecer glosas parciais que não indicam a complexidade do funcionamento de morfemas como **-ána** que definimos como '*cmp*' (= morfema aspectual cumprido). O texto é baseado numa gravação feita na Ilha Grande de Tapuruquara em 1983. Trata-se de um relato muito conhecido no mundo amazônico e andino. O papel do jabuti na versão amazônica corresponde àquele do sapo ou da raposa em outras versões, enquanto o urubu se substitui ao condor da variante andina. As derivações do português, inclusive as palavras de origem tupi integradas ao léxico nacional, são indicadas em itálico.

A FESTA NO CÉU

1. **yepé viagem paa pedro umunhã festa iwáka-kiti**
yepé *viagem* paá *pedro* u-muñá *festa* iwàka-kití
//um(a)/vez/cit/pedro/3s-fazer/festa/céu-dir //
Dizem¹⁴ que uma vez¹⁵ Pedro deu uma festa no céu¹⁶.
2. **ápe uconvidái panhẽ bicho usu-rã umaã tafesta**
aá-pe u-*convidá*+ri panhẽ *bicho* u-sù-ráma umaã ta-*festa*
//isso-loc = aí/3s-convidar/todo/bicho/3s-ir-fim/3s-ver/3pp-festa//
Aí convidou todos os bichos para que fossem ver a festa deles¹⁷.
3. **ápe paa jabuti paa¹⁸ unheẽ : "ti maye asu à-kiti**
aá-pe paá *jabuti* paá u-ñeẽ | ti mayé a-sú aà-kití
//aí/cit/jabuti/cit/3s-dizer não/como/1s-ir/isso-dir//
Aí o jabuti disse: "Não há nenhum jeito para eu ir até aí.
4. **ixe aputái amaã nhaã festa**
ixé a-putári a-maã ñaã *festa*
//eu/1s-querer/1s-ver/aquel(a)/festa//
Eu quero ver aquela festa.
5. **ti aríku sepepu awewèu-rã**
ti a-rikú se-pepú a-wewèu-ráma
//não/1s-ter/1p-asa/1s-voar-fim//
Não tenho asas para voar".
6. **àpe(-te)¹⁹ paa usasa icompadre urubu**
aà-pe(-té) paá u-sasá i-*compadre urubu*
//aí(-enf/cit/3s-passar/3p-compadre/urubu//
Naquele momento mesmo passou o seu compadre, o urubu.

¹⁴ O morfema modal citativo aparece na maior parte dos enunciados nos relatos populares. Muitas vezes, o seu valor semântico é muito limitado e o seu emprego corresponde a um reflexo automático. Não indicaremos a sua presença no resto do texto.

¹⁵ A palavra portuguesa "viagem" corresponde ao conceito de "vez" em nheengatu. Da mesma maneira, *viaje* significa "vez" no quechua equatoriano. Não sabemos se são localismos ou se este emprego de "viagem/viaje" existe também no português e no espanhol ibérico e americano.

¹⁶ Lit. "até" ou "para o céu".

¹⁷ Quer dizer, provavelmente, a festa dos habitantes do céu.

¹⁸ O citativo **paa** aparece freqüentemente nos relatos com uma função mais prosódica do que semântica.

¹⁹ Os parênteses indicam formas quase inaudíveis na gravação e de reconstituição hipotética.

7. **"eh compadre!" unheẽ paa, "ti sera repodẽi rerasu ixé asu-rã iwàka-kiti amaã festa"**
eh compadre | u-ñeẽ paá | ti será re-*podé*+ri re-rasú ixé a-sù-ráma iwàka-kití a-maã *festa*
 //eh/compadre | 3s-dizer/cit | não/int/2s-poder/2s-levar/eu/1s-ir-fin/céu-dir/1s-ver/festa//
 "Eh compadre!" disse, "não poderias levar-me [para eu ir]²⁰ até o céu para que eu veja a festa?"
8. **"ah!" paa unheẽ, "anhũ resu kwá violão-kwàra-kiti"**
ah | paá u-ñeẽ | aũ re-sú kwaá *violão-kwàra-kití*
 //ah | cit/3s-dizer | só/2s-ir/este/violão-buraco-dir //
 "Ah!" disse <o urubu>²¹, "so <podes ir se> fores dentro²² do violão".
9. **"are"**
 aré
 //sim//
 "Está certo".
10. **ápe yauti uyuruái violão-kwàra-kiti**
 aá-pe yautí u-yu-ruári *violão-kwàra-kití*
 // ai/jabuti/3s-refl-embarcar/violão-buraco-dir//
 Aí o jabuti se embarcou no violão.
11. **usu-ã**
 u-sù-ána
 //3s-ir -cmp//
 <urubu> partiu.
12. **ápe paa urubu uwewéu irũ**
 aá-pe paá *urubu* u-wewéu i-rúmu
 //ái/cit/urubu/3s-voar/3p-assoc//
 Aí o urubu voou com ele.
13. **usu até iwàka-kiti**
 u-sú *até* iwàka-kití
 //3s-ir/até/céu-dir//
 Foi até o céu.

²⁰ [] indica uma passagem redundante no texto original.

²¹ <> indica uma passagem acrescentada ao texto original para esclarecer o sentido ou por motivos estilísticos.

²² "no buraco" corresponde ao conceito "interior". De novo, usa-se o morfema casual direcional **-kiti**. Indica possivelmente o movimento do jabuti que vai se introduzir dentro do violão.

14. **iwákape festa animado**²³
iwáka-pe festa animado
 //céu-loc/festa/animad(a)//
 A festa no céu foi animada.
15. **certa hora upã festa**
certa hora u-pàwa-ána festa
 //certa/hora/3s-acabar-cmp/festa//
 A uma certa hora a festa se acabou.
16. **tudo bicho(ta) (ta)su-ã iwi-kiti, tayuiri-pawã, tawiyé-pawã**
todo bicho(-ta) (ta)-sù-ána iwì-kití ta-yuiri-pàwa-ána ta-wiyè-pà-(w)ána
 //todo bicho(-pln)/(3sp-)ir-cmp/terra-dir/3sp-voltar-perf-cmp/3sp-descer-perf-cmp//
 Todos os bichos foram embora até a terra, todos até o último voltaram <à terra>, desceram <até o chão>.
17. **e yauti ti uriku ipepu uwewèu-rã**
e yautí ti u-rikú i-pepú u-wewèu-ráma
 //e/jabuti/não/3s-ter/3p-asa/3s-voar-fin//
 E o jabuti não tinha asas para voar.
18. **pronto ! upita ápe**
pronto | u-pitá aá-pe
 //pronto | 3s-ficar/aí//
 Pronto! Ficou ali.
19. **ápe ikwéma ara**
aá-pe i-kwéma ára
 //aí/3p-amanhecer/mundo=dia//
 Aí o dia amanheceu.
20. **uyeréu umaã iwi-kiti, poh! mà-sui ùri-waa iwate**
u-yeréu u-maã iwì-kití | poh | mà-suí ùri-waá iwaté
 //3s-virar+se/3s-ver/terra-dir | poh | onde-abl/3s+vir-ag/abaixo//
 Virou-se e olhou para o chão, poh!²⁴ aí abaixo donde tinha vindo.
21. **porra! ti ukwa maye uyui-ri-rã**
porra | ti u-kwá mayé u-yuiri-ráma
 //porra | não/3s-saber/como/3s-voltar-fin//
 Porra!²⁵ não sabia como ia voltar.

²³ O acordo de número e de gênero não é sempre respeitado nos empréstimos do português.

²⁴ Nos enunciados (20) e (22), a exclamação *poh!* além da sua função onomatopéica serve também de pontuação sonora ao relatar o conto.

²⁵ "porra" no falar amazônico não possui nenhum matiz escabroso e corresponde a uma exclamação de surpresa ou de irritação.

22. **u-yeréu, uwári à-suí, poh! iwi-kiti²⁶ uwári, poh! iwi-kiti kwà-kiti mà-kiti yaiku-waa**
 u-yeréu u-(w)ári aà-suí | *poh* | iwì-kítí u-(w)ári | *poh* | iwì-kítí kwaà-kítí maà-kítí ya-ikù-waá
 //3s-virar+se/3s-caer/isso-abl | *poh* | terra-dir/3s-caer | *poh* | terra-dir/isto-dir/onde-dir/1sp-estar-ag//
 Virou-se, caiu daí, poh! caiu até a terra, até a terra, aqui onde estamos.
23. **pronto! ape yauti-kwéra upupuka-pa**
pronto | aá-pe yauti-kwéra u-pupukà-pá
 //pronto | aí/jabuti-ps/3s-rebentar-perf//
 Pronto! Aí o jabuti rebentou.
24. **yawe-ráma paa remendo-pa nhaã ipiréra**
 yawè-ráma paá *remendo*-pá ñaã i-piréra
 //assim-fin/cit/remendo-perf/aquel(a)/3p-casca//
 É por isso que tem a casca cheia de remendos.

²⁶ A supressão da primeira consoante do morfema **-kiti** é frequente.

Lista das abreviações utilizadas

<i>1s</i>	primeira pessoa sujeito
<i>1sp</i>	primeira pessoa plural sujeito
<i>2s</i>	segunda pessoa sujeito
<i>3p</i>	terceira pessoa possessiva
<i>3pp</i>	terceira pessoa plural possessiva
<i>3s</i>	terceira pessoa sujeito
<i>3sp</i>	terceira pessoa plural sujeito
<i>abl</i>	morfema casual ablativo
<i>ag</i>	nominalizador agentivo; na realidade, o seu papel é muito complexo. Permite a estruturação de sintagmas nominais em aposição com outras formas nominais e indica também o ator (agente) do lexema verbal nominalizado.
<i>assoc</i>	associativo o instrumental
<i>cit</i>	morfema modal citativo
<i>cmp</i>	morfema aspectual cumprido (v. POTTIER, trad. port. 1978).,
<i>dir</i>	morfema casual direcional, exprime também o terminativo: "até".
<i>enf</i>	enfático, glosa parcial. Traduz o conceito de "mesmo" em locuções como "naquele momento mesmo", "aquela mesma idêntica pessoa".
<i>fin</i>	morfema casual final ou benefactivo "para".
<i>int</i>	morfema interrogativo
<i>loc</i>	morfema casual locativo
<i>perf</i>	perfectivo. Derivado de um lexema que significa 'acabar, terminar', indica como sufixo verbal que a ação descrita pela raiz verbal se concluiu, se terminou, e no caso preciso do enunciado (16), que os convidados à festa foram embora <i>todos</i> , até o último.
<i>pln</i>	pluralizador nominal
<i>ps</i>	passado; glosa inadequada, se refere a um sufixo, nominal no contexto, que indica que um ser animado ou um objeto tem cessado de existir ou de cumprir a função que lhes correspondia por definição; pode-se comparar ao emprego do morfema <i>ex-</i> em "ex-presidente" ou "defunto" em "meu pai defunto". No enunciado (24) do relato "A festa no céu", parece indicar que o jabuti se matou ao cair no chão embora tivesse estabelecido, com a sua casca "remendada" as características da nova raça de jabutis.
<i>refl</i>	reflexivo

BIBLIOGRAFIA

- BESSA FREIRE, J. (1983) "Da 'fala boa' ao português na Amazônia brasileira", *Amerindia* 8, Paris.
- COSTA, D.F. (1909) *Carta pastoral*, Ceará-Fortaleza.
- COUTO DE MAGALHAES (1876) *O selvagem*, ed. São Paulo 1975.
- DRUMMOND, C. (ed.) (1952) *Vocabulário na língua brasílica*, São Paulo.
- EDELWEISS, F.G. (1969) *Estudos tupis e tupi-guaranis*, Rio de Janeiro.
- POTTIER, B. (1978) *Lingüística geral. Teoria e descrição*. Tradução e adaptação portuguesa de Walmírio Macedo, Rio de Janeiro.
- RESTIVO, P. (1722) *Vocabulario de la lengua guarani*, ed. Stuttgart 1893.
- TASTEVIN, C. (1910) *La langue tapihya dite tupi*, Viena.